

O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO EDUCANDO: UMA PERSPECTIVA CONTEMPORÂNEA DE EDUCAÇÃO

Luiz Roberto Prandi¹
Wendell Fiori de Faria²
Eliane Campos Ruiz Leite³
Francisco Carlos Ruiz⁴

PRANDI, L. R.; FARIA, W. F.; LEITE, E. C. R.; RUIZ, F. C. O papel do professor na formação do educando: uma perspectiva contemporânea de educação. **EDUCERE** - Revista da Educação, Umarama, v. 11, n. 2, p. 225-240, jul./dez. 2011.

RESUMO: Este artigo tem como objetivo repensar algumas questões acerca do papel do professor na contemporaneidade, por meio de uma pesquisa bibliográfica. A pesquisa possibilitou uma compreensão de que o aluno tem direito a aprendizagem dos conteúdos das diversas áreas do conhecimento. Ao docente cabe reconhecer a importância de utilizar metodologias e escolhas didáticas que permitam a reflexão, participação, confrontação de ideias na construção do conhecimento. Portanto, não é qualquer proposta ou qualquer interação que contribui para a aprendizagem significativa do aluno. Toda atividade que se dê ao aluno na sala de aula, precisa ter uma intenção clara, isto é, os objetivos precisam estar explicitados tanto para o professor quanto para o aluno, buscando estabelecer uma relação estreita com a realidade, contextualizando o conheci-

¹Doutor em Ciências da Educação UPAP/UFPE. Mestre em Ciências da Educação UNG/SP. Especialista em Metodologia do Ensino Superior, Gestão Escolar, Gestão e Educação Ambiental, Educação Especial. Professor Titular e Pesquisador da Universidade Paranaense – UNIPARE. E-mail: prandi@unipar.br

²Doutorando em Educação pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Mestre em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná – UTP. Especialista em Pedagogia Escolar (IBPEX) e Educação à Distância (Universidade Estadual de Maringá – UEM). Professor Assistente II de Didática, Investigação e Prática Pedagógica da Universidade Federal do Acre – UFAC.

E-mail: professorfiori@gmail.com

³Psicóloga Clínica e Institucional. Especialista em Inclusão Educacional e Metodologia do Ensino. Docente na área da Educação e Psicologia em Cursos de Pós-Graduação da UNIVALE/ESAP. E-mail: eliane.ruiz@hotmail.com

⁴Professor dos cursos de Pós Graduação do ESAP – Especialista em Gestão de Políticas Públicas. E-mail: fruizcarlos@gmail.com

mento e proporcionando ao discente a possibilidade de inseri-lo em sua vida cotidiana.

PALAVRAS-CHAVE: Professor; Aluno; Conhecimento; Cidadania.

THE ROLE OF THE TEACHER IN THE FORMATION OF EDUCATING: A CONTEMPORARY PERSPECTIVE OF EDUCATION

ABSTRACT: This article aims to discuss some issues about the role of professor nowadays, through a literature search. The research enabled an understanding that the student is entitled to learning the content of the various areas of knowledge. The teacher must recognize the importance of using teaching methods and choices that allow reflection, participation, confrontation of ideas in the construction of knowledge. Therefore, there is any proposal or any interaction that contributes to student learning significantly. Any activity that will take the student in the classroom must have a clear intention, that is, the goals must be explicit for both teachers and for students, seeking to establish a close relationship with reality, contextualizing knowledge and providing the students the opportunity to insert it into your everyday life.

KEYWORDS: PProfessor; Student; Knowledge; Citizen.

EL PAPEL DEL PROFESOR EN LA FORMACIÓN DEL EDUCANDO: UNA PERSPECTIVA CONTEMPORÁNEA DE EDUCACIÓN

RESUMEN: Este artículo ha tenido como objetivo repensar algunas cuestiones acerca del papel atribuido al profesor en la contemporaneidad, por medio de una investigación bibliográfica. La investigación posibilitó una comprensión de que el alumno tiene derecho al aprendizaje de los contenidos, de las diversas áreas del conocimiento. Al docente cabe reconocer la importancia de utilizar metodologías y escojas didácticas que permitan la reflexión, participación, confrontación de ideas en la construcción del conocimiento. Todavía, no es cualquier propuesta o cualquier interacción que contribuye para el aprendizaje significativo del alumno. Toda actividad que es dada al alumno en clase, necesita tener una intención clara, es decir, los objetivos necesitan estar explicitados tanto para el profesor como para el alumno, buscando establecer una estrecha relación

con la realidad, contextualizando el conocimiento y proporcionando al discente la posibilidad de inserirlo en su vida cotidiana.

PALABRAS CLAVE: Profesor; Alumno; Conocimiento; Ciudadanía

INTRODUÇÃO

O conhecimento é apontado por especialistas como recurso controlador e fator de produção decisivo de inserção/inclusão social. Esse fato tende a mudar fundamentalmente a estrutura da sociedade, criando novas dinâmicas socioeconômicas, como também novas políticas.

Na contemporaneidade, não basta visar à capacitação dos estudantes para futuras habilitações nas especializações tradicionais. Trata-se de ter em vista a formação dos educandos para o desenvolvimento de suas capacidades, em função de novos saberes que se produzem e que demandam um novo tipo de profissional.

As relações entre conhecimento e trabalho exigem capacidade de iniciativa e inovação e, mais do que nunca, a máxima “aprender a aprender” parece se impor à máxima “aprender determinados conteúdos”.

Isso significa pensar em novas demandas para um tipo de educação que tenha sentido para o momento de vida presente e que ao mesmo tempo favoreça o aprendizado contínuo. Frente a esse enfoque, o espaço de aprendizagem do aluno exige uma prática voltada para estratégias significativas de verificação e comprovação de hipóteses para a construção de conhecimentos/argumentações capazes de favorecer a criatividade, a compreensão dos limites e alcances lógicos das explicações propostas.

Metodologias que favoreçam essas capacidades favorecem também o desenvolvimento da autonomia do sujeito, o sentimento e segurança em relação às suas próprias capacidades, interagindo de modo orgânico e integrado a um trabalho de equipe capaz de atuar em níveis de interlocução mais complexos e diferenciados. Em síntese, busca-se um ensino de qualidade capaz de formar cidadãos que interfiram criticamente na realidade para transformá-la e não apenas para que se integrem ao grupo social e ao mercado de trabalho.

O professor deve atuar de forma a garantir a aprendizagem do conteúdo das áreas afins, por meio de uma metodologia e escolhas didáticas que permitam a reflexão, participação e confrontação de ideias. A escola pode ter um importante papel para o conhecimento da realidade e

construção de uma autoimagem positiva por parte dos alunos.

A vivência na escola e fora dela é constituída por ações e interações que configuram, todas elas, no desenvolvimento e aprendizagem do aluno. Não cabe, assim, falar da experiência extraescolar e da experiência escolar como opostas. A questão relevante que se coloca é compreender como estas experiências se organizam cognitivamente na constituição do novo conhecimento.

Compreender as relações entre os homens significa compreendê-las não como universais e genéricas, mas como específicas de uma determinada época, envoltas em um contexto. No contato com a fonte de interpretação pelo estudo, pode ser repensada a oportunidade de o professor confrontar o que imagina ou sabe com o que a realidade apresenta como materialidade vivida com suas contradições dinâmicas.

Assim sendo, este artigo tem como objetivo repensar algumas questões acerca do papel professor na contemporaneidade, por meio de uma pesquisa bibliográfica.

Contextualização e ensino

O papel do professor leva a pensar em proceder a uma análise crítica dos problemas que afetam a sociedade, mediante a informação adequada e conhecimento acerca dos procedimentos a serem utilizados.

Para Kuenzer (1997, p. 26), o saber não é produzido na escola, mas no interior das relações sociais em seu conjunto; “[...] é uma produção coletiva dos homens em sua atividade real, enquanto produzem as condições necessárias à sua existência através das relações que estabelecem com a natureza, com outros homens e consigo mesmos”.

Os alunos e professores trazem para a sala de aula vivências diretas ou indiretas – como testemunhas ou protagonistas – de situações que envolvem o cotidiano e o trabalho. Vivem situações pessoais ou familiares de satisfação e prazer ou de insatisfação. De acordo com Brandão (1981), o processo de aprendizagem parte da realidade dos alunos, cabendo ao professor, junto com esses, reinterpretá-la e ordená-la, numa relação dialética entre os conteúdos sistematizados e a experiência concreta dos alunos.

Em Saviani (1996) constata-se que é preciso que o professor tra-

balhe no sentido de fornecer aos alunos as condições necessárias para que eles possam estabelecer uma crítica da sociedade, como possibilidade de ação constante e eficaz.

É papel do educador, em sua função social, considerar os conhecimentos, procedimentos e valores dos alunos, de forma a favorecer a capacidade de pensar compreensivamente sobre eles, criando espaços de trabalho pedagógico na sala de aula. Cabe a ele, interagir com organizações preocupadas com a temática existente na localidade para a troca de pontos de vista sobre as experiências que devem ser problematizadas.

Para Kuenzer (1997):

[...] é absolutamente indispensável conhecer o processo pedagógico que ocorre no interior do processo produtivo, no interior da escola e no âmbito das relações sociais, bem como ouvir o aluno acerca de suas percepções, necessidades e aspirações. Só desta forma será possível avançar nas questões relativas à educação (KUENZER, 1997, p.111-112).

Assim, trabalhar de modo cooperativo, organizar-se em grupo (associar-se) em função de objetivos comuns, elaborar e desenvolver projetos, gerenciar o tempo e o espaço, estabelecer relações de respeito mútuo, autonomia e com as figuras de autoridade, posicionar-se, argumentar, afirmar seu ponto de vista e compreender o de outros, reivindicar o que considera justo para si e para os demais e propor mudanças são aprendizagens fundamentais ao aluno, uma vez que se referem às capacidades e conteúdos importantes para atuar de modo autônomo nas relações sociais, políticas e profissionais. Assim, entende-se que as habilidades cognitivas e competências sociais tais como flexibilidade, autonomia, capacidade de adaptação a situações novas, constituem-se prioridades para a atuação docente na contemporaneidade.

Ao professor cabe incentivar os alunos a pensar, descobrir, criar novas possibilidades de realizar os trabalhos conhecidos, discutir novas formas e propostas de organização, das cooperativas de produção e consumo, cooperativas de economia solidária, assim como as alternativas existentes na realidade local, pelo contato com sindicatos, prefeitura, organizações, governamentais e não-governamentais. O professor deve se organizar no sentido de proporcionar aos alunos múltiplas oportunidades de pesquisas, de expressão e de comunicação, porquanto:

[...] estes não trabalham mais sozinhos, mas em grupo, em processo de cooperação. As atividades não são programadas, mas se desenvolvem espontaneamente, conforme as crianças se encaminham para esta ou aquela direção, conforme seu interesse seja despertado para algum objeto ou desejo de descoberta. O material é numeroso e, muitas vezes, reproduz as condições reais de existência dos alunos na sociedade em que vivem (CUNHA, 1988, p. 79).

Desta forma, o professor deve atuar no sentido de que os alunos(as) construam uma imagem positiva de si próprios(as) como cidadãos(ãs) com direitos, entre os quais se incluem os direitos vinculados ao trabalho e ao consumo, para agir de forma solidária e responsável, percebendo-se como sujeitos na sociedade.

A formação integral do sujeito, de acordo com Salgado “[...] se constituem em socialização competente para a participação na vida social e uma qualificação para o trabalho entendido com produção das condições gerais da existência humana”. (1981, p. 6).

Para Freitas (1993) vivencia-se um momento de reorganização da classe trabalhadora, o que tem gerado uma contradição no sistema capitalista: explorar ou educar o trabalhador. Esse autor defende a ideia de que, para se pensar na educação sob novas bases, é imprescindível considerar as transformações que a sociedade capitalista se apoia, isto porque as mudanças ocorridas em escala mundial, na economia e política vem ocasionando o aumento da visão pragmatista da preparação profissional.

Conforme Saviani (1996), a escola é uma instância incumbida de transmitir às gerações presentes e futuras o conhecimento produzido pela humanidade por meio de relações pedagógicas historicamente situadas. Isso implica na socialização do saber sistematizado, à aquisição de instrumentos que viabilizem o acesso ao saber elaborado.

Assim, na pedagogia progressista o professor deve fazer a mediação entre os conteúdos e os alunos, e entre estes e o mundo social adulto, na medida em que trata os conteúdos como resultado da intervenção humana e os situa histórica e socialmente. Dessa forma, eles não são apresentados como forma acabada e imutável de conhecimento, mas como vivos e/ou dinâmicos, passíveis de críticas e modificações.

Legitimação de valores no ensino

Toda pessoa tem, em princípio, direito ao respeito de seus semelhantes, a uma vida digna (no sentido de boas condições de vida), a oportunidade de realizar projetos. Sem essa opção moral, uma sociedade democrática, pluralista por definição, é totalmente impossível de ser construída e o conceito de cidadania perde seu sentido.

Nesse sentido, a relação professor-aluno na sala de aula não pode ser autoritária. Segundo Weil (1998), o professor pode ser considerado uma autoridade, porque tem possibilidade de proporcionar aos alunos condições de aprendizagem, mas não pode representar para estes o autoritarismo que permeia as relações sociais. O processo de aprendizagem parte da prática concreta dos alunos, cabendo ao professor, junto com esses, reinterpretá-la e ordená-la, numa relação dialética entre os conteúdos sistematizados e a experiência concreta dos alunos.

A escola atual progressista, na opinião de Kuenzer (1997), não tem condições de se realizar institucionalmente nas sociedade capitalista, a não ser como trabalhos isolados de professores ou de algumas escolas. Tampouco, aqueles que a desenvolvem acreditam que a escola sozinha, possa transformar a sociedade; acreditam, porém, que ela possa desempenhar duas importantes funções: a primeira, fornecer aos alunos, principalmente os das camadas populares, o domínio de conteúdos e conhecimentos valorizados pela sociedade; e, segundo, de posse de tais conteúdos e conhecimentos devidamente trabalhados auxiliar os alunos a desvendar as relações de opressão e dominação, fornecendo-lhes condições para que possam atuar no sentido de estabelecer um novo projeto social, mais justo e mais humano.

Para ser válida, toda educação, toda ação educativa deve necessariamente estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreto do homem concreto a quem queremos educar (ou melhor dito: a quem queremos ajudar a educar-se) (FREIRE, 2001, p. 38).

Se hoje ninguém escapa dos impactos dos avanços tecnológicos, é preciso que a sociedade como um todo - e não apenas um grupo privilegiado que tem acesso aos bens e serviços que as novas tecnologias

tornaram disponíveis - seja preparada para incorporar de modo adequado os instrumentos tecnológicos.

Isso significa aprender a utilizá-los para melhorar a qualidade de vida, ampliando a base do mercado de consumo e os padrões de exigências quanto à qualidade. O aprendizado intercultural, portanto, desempenha um papel importante no processo de troca de experiências e ideias, elementos fundamentais para a aprendizagem significativa.

Consideramos que a apropriação de uma base concreta de conhecimentos que viabilize a formação da consciência de classe na luta por seus interesses, cujo eixo fundamental está no modo de produção de sua existência, passa não apenas pela garantia do acesso e permanência na escola, mas pela revisão de conteúdos, métodos e práticas escolares que desenvolvam a capacidade humana de compreender/interpretar/intervir na realidade objetiva, vista como processo em desenvolvimento.

É importante salientar que o exercício da docência implica a articulação da escola exercendo seu papel com os movimentos sociais e a mobilização dos educadores em torno de um projeto político em que as estratégias visem à construção de uma teoria crítica da educação e da escola, na perspectiva da educação que interessa às classes trabalhadoras.

Relação professor-aluno: um processo mediador e interativo

A eficácia da escola em desenvolver conhecimentos valiosos, habilidades, hábitos, atitudes, ideias e virtudes que possibilitam aos alunos enfrentar de forma efetiva os problemas da vida está na dependência da possibilidade que a instituição escolar tem em mediar a aprendizagem.

Para Cunha (1988), quando o aluno entra na instituição educativa e sua experiência nela, o que lhe é ensinado torna-se constitutivo de sua pessoa, modificando-a continuamente (e por isto sendo ele próprio, o conteúdo, modificado). Isto significa que todo e qualquer processo de ensino e aprendizagem está inserido em um contexto mais amplo da constituição de cada sujeito, porque a aprendizagem na escola não se efetua como um processo paralelo e dissociado de outras instâncias do saber.

Todas as situações que problematizam o conhecimento levam à aprendizagem, portanto, não é qualquer proposta ou qualquer interação que agencia a aprendizagem. Toda atividade que se dê aos alunos em sala

de aula precisa ter uma intenção clara, isto é, o objetivo deve estar bem especificado para o professor e para o aluno.

Cunha (1988, p.70) lembra que “[...] a compreensão da prática social pelos alunos não pressupõe, ao menos no início do processo de ensino, os elementos por ele determinados”. Segundo a autora, a partir desse ensino, os alunos poderão incorporar novos conhecimentos e experiências de forma a irem gradativamente, ampliando, aprofundando e articulando sua compreensão da prática social.

A partir da instrumentalização, do domínio das ferramentas culturais, ou seja, da incorporação de um conjunto de noções básicas relativas às áreas do conhecimento, importa acompanhar a elaboração que os alunos passam a realizar a partir de tal domínio. Frente aos resultados da aprendizagem dos alunos, o professor deve se perguntar se o ensino, da forma como está sendo conduzido, é consequente para a aprendizagem dos mesmos.

Para Macedo (1996, p. 73) “[...] viver é desenvolver-se e implica em transformações contínuas que se realizam através da interação dos indivíduos entre si e entre os indivíduos e o meio no qual se inserem”. De acordo com o autor, este meio é um meio que pode se chamar de natural e social; ele é constituído pela natureza, pelos objetos, pelas pessoas, pelas ideias, pelos valores e pelo conhecimento.

O processo de desenvolvimento e aprendizagem do ser humano, conforme ensina Vygotsky (1988) caracteriza-se por ser contínuo, estendendo-se por toda a vida do indivíduo e é constituído por períodos que se distinguem entre si pelo predomínio de estratégias e possibilidades específicas de ação, interação e aprendizagem. O indivíduo se constitui como membro do grupo, mediante a construção de sua identidade cultural, que possibilita sua permanência no grupo, e constroi, simultaneamente, sua personalidade, que o caracterizará como indivíduo único no grupo.

O desenvolvimento é um processo integrado, que abrange todos os aspectos da vida humana (físico, emocional, cognitivo e social), no complexo, no qual diversas funções são tomadas. Conforme Davis (1989), como espécie, o ser humano apresenta, ao nascer, uma plasticidade muito grande, podendo desenvolver várias formas de comportamento, aprender várias línguas, utilizar-se de diferentes recursos e estratégias para se inserir no meio e agir sobre ele. Mas, o indivíduo aprende e utiliza

somente as formas de ação que existirem em seu meio, assim como ele aprende somente a língua ou as línguas que aí forem faladas.

Isto quer dizer, que a cultura é constitutiva do processo de desenvolvimento e aprendizagem, uma vez que determinadas estratégias de ação e padrões de interação entre as pessoas são definidas pela prática cultural. Os comportamentos e ações privilegiados em um determinado grupo são, então, determinantes no processo de desenvolvimento do aluno.

O indivíduo não é um ser somente em desenvolvimento psicológico, mas um ser concreto em relação com o real. Isso lhe fornece possibilidade cognitiva de apreensão e compreensão da realidade, transformação de si próprio e, conseqüentemente, desta realidade, além de transformá-lo em produtor e consumidor de conhecimentos. O conhecimento do indivíduo é continuamente transformado pelas novas informações que ele recebe e pelas experiências pelas quais passa.

Posso dizer que os seres humanos não apresentam um processo de desenvolvimento psicológico independente do desenvolvimento cognitivo, o que equivale a dizer que o processo de desenvolvimento do ser humano é concomitante e está intrinsecamente ligado à aprendizagem, sendo por ela modificado. Não são, assim, dois processos independentes (DAVIS, 1989, p. 55).

Segundo a autora, este fato estabelece uma articulação dialética entre forma e conteúdo, suprimindo a noção dicotômica que sugere a existência de um indivíduo que aprende sem ser modificado pelo conteúdo cognitivo que ele aprende, o que equivaleria a dizer que a aprendizagem formal é desvinculada do resto de sua experiência de vida. Por outro lado, o indivíduo se constitui em uma perspectiva dupla: o da sua própria atividade e o das interações que ele estabelece.

Assim sendo, o ser humano se caracteriza pela construção de sua individualidade através da relação com o outro. O sujeito se constitui, assim, em virtude de processos múltiplos de interação com o meio socio-cultural, pela presença de outros indivíduos e/ou objetivo culturalmente inseridos e definidos.

Os períodos de desenvolvimento são normalmente referidos como infância, adolescência, maturidade e velhice. Estas são, no entanto,

categorias muito amplas e a própria definição de cada uma, assim como sua duração, dependerão grandemente da cultura. Desta forma, torna-se mais adequado pensar o processo em termos das transformações sucessivas que o caracterizam. Percebe-se que desenvolvimento e aprendizagem são aspectos integrantes do mesmo processo de constituição do indivíduo e que devem ser levados em conta pelo professor.

Nesse sentido, a aprendizagem do aluno não pode ser entendida simplesmente como aprendizagem de conhecimento formal, pois além de aprender as coisas que lhe são ensinadas na escola, aprende também a desempenhar papéis, a se relacionar afetivamente com as outras pessoas da família e da comunidade e a agir como elemento integrante do grupo. Dessa forma, o aspecto afetivo do desenvolvimento é tão importante quanto o cognitivo. Conforme Kelly (1989), outra noção importante para compreender o processo de desenvolvimento e aprendizagem do aluno é a de ritmo: os alunos apresentam ritmos diferentes de desenvolvimento, por isso não é possível estabelecer idades cronológicas rígidas para cada aquisição que o aluno deva fazer. Deve-se, antes, pensar em termos de períodos de desenvolvimento que são épocas e que, com certa margem de variação de idades cronológicas, o aluno deverá apresentar determinadas características.

A ação do aluno depende da maturação orgânica e das possibilidades que o meio lhe oferece: ela não poderá realizar uma ação para a qual não esteja fisicamente preparada, assim como não o fará, mesmo que organizadamente madura, se a organização do seu meio físico e social não a ensinar e/ou propiciar sua realização (KELLY, 1989, p. 91).

A pedagogia histórico-crítica considera que os agentes sociais, presentes na relação do ensino-aprendizagem, são sujeitos inseridos e determinados socialmente. Ou seja, professor e alunos estão inseridos numa mesma prática social global, embora, ocupem, relativamente no processo pedagógico, funções diferenciadas.

Outro aspecto que se entrelaça é a metodologia do professor. Um educador que acredita nas potencialidades do aluno, que está preocupado com sua aprendizagem e com seu nível de satisfação, exerce práticas de sala de aula de acordo com essa posição. E isto também reflete na relação professor-aluno. Parece consequência natural que o professor que tem

boa relação com os alunos preocupa-se com os métodos de aprendizagem e procura fórmulas dialógicas de interação.

É importante ressaltar que os alunos não apontam como melhores professores os chamados “bonzinhos”. O aluno valoriza, também, o professor que é exigente, que cobra participação e tarefas. Ele percebe que esta é uma forma de interesse articulada com a prática cotidiana de sala de aula. Segundo Kelly (1989), para que o processo educacional seja bem medido, a relação entre professor e aluno deve ser pautada pelo respeito mútuo, pela confiança dos alunos no saber do mestre e pela esperança do professor no futuro de seus alunos.

O aluno tem que fazer uma aprendizagem fundamental da convivência democrática: não abrir mão de forma alguma de sua dignidade, de seu valor, mas, ao mesmo tempo, não passar por cima da dignidade do outro. Há que descobrir que sua afirmação não significa necessariamente a negação do outro, mas que, pelo contrário, a convivência com o outro o leva a potencializar e desenvolver-se. O outro é um sujeito contraditório tanto quanto a si mesmo com possibilidades e negatividades, ao mesmo tempo. No desenvolvimento dessa contradição, há perfeitamente a possibilidade do crescimento de ambos, já que só pelo contato com o outro é que se pode entrar no processo de vir-a-ser homem.

Macedo (1996) diz que o educador é uma figura muito importante dentro da escola e tem um papel fundamental a desempenhar. Deve propiciar a interação com o aluno, ajudando-o a desenvolver suas potencialidades integralmente. Esta tarefa é um tanto difícil, necessitando muito carinho, dedicação e amor. Nesse sentido é importante citar Buscaglia (1993, p. 55) ao afirmar que:

O amor é tão importante que já está enraizado na existência do ser humano. Uma procura de afetividade, emoções, sonhos e esperanças que fazem com que o “homem” procure o seu caminho. Só o amor tem o poder de unir sem tirar a dignidade de outra pessoa, sem roubar seu próprio eu. Só o amor mantém a soberania sobre os povos e nações. Só o amor é capaz de pôr a humanidade acima de ideologias ou raças. Só o amor pode fornecer as energias infinitas necessárias para sobrepujar a fome e o desespero (BUSCAGLIA, 1993, p. 55).

Os enunciados acima demonstram que o amor é o que está faltan-

do para as pessoas. E os professores ensinam com amor e para o amor?

Os seres humanos têm necessidade instintiva de viver em grupo. É disso que a pessoa precisa, através do relacionamento dos amigos, adquirir o verdadeiro valor das coisas”. “Sabe que não acredito que alguém jamais tenha ensinado alguma coisa a outro. Duvido da eficácia do ensino. A única coisa que sei é que quem quiser aprender, aprenderá. E talvez o professor seja um fator que facilite, uma pessoa que apresenta as coisas e mostra aos outros como é empolgante a maravilhoso, e os convida a provarem (BUSCÁGLIA, 1993, p. 23).

Entende-se que o aluno não pode ser moldado ou obrigado a aprender ou a gostar de algo que o professor acredite ser importante, mas aprenderá sim, aquilo que for atrativo aos seus olhos. O educador como coordenador do processo educativo não pode ser omissivo, mas profundamente interativo. Atento às diferenças entre os alunos na sala de aula, porque coletividade não significa padronização de comportamento e sim coordenação e colaboração de seus integrantes.

Vale frisar que o aspecto afetivo ou emocional tem uma série de implicações pedagógicas. A afetividade é decorrente do clima de motivação e interação em sala de aula, do respeito ao aluno e ao seu desenvolvimento sócio-cognitivo, além da valorização de tudo que se constrói em sala de aula.

O professor afetivo e motivador não é aquele permissivo em cujas aulas tudo se pode fazer, na qual não há regras a serem seguidas, e a disciplina é algo que passa distante. Ao contrário, é o professor capaz e estabelecer em sala de aula e fora dela, relações de respeito em que todos são conscientes de seu papel e de suas limitações, sendo, constantemente, estimulados à aprendizagem significativa.

O trabalho pedagógico, na opinião de Perrenoud (1999), deve ser fundado no conhecimento e que toda a ação do professor, ao ser planejada, não pode perder de vista a eficiência com que o saber deve ser repassado aos educandos. E essa eficiência, por sua vez, supõe que as relações humano-afetivas que se estabelecem em sala de aula devem sempre ser baseadas na empatia, na aceitação do outro e na busca conjunta de soluções de problemas que porventura surjam, envolvendo os próprios alunos e, se necessário, toda a comunidade escolar.

Por outro lado, além do conhecimento necessário ao exercício da profissão, o professor deve ser um “conhecedor de si mesmo”, buscando relacionar-se com os colegas, com a escola, de modo geral e com os pais de alunos, tendo em vista sempre o “bem” do aluno, seu progresso e seu sucesso na escola, aspecto que certamente refletirá em toda sua vida futura.

O educador tem que avaliar o seu trabalho constantemente, de modo a buscar fazer sempre melhor no processo educativo. Deve ser um questionador do seu saber, de seus métodos e técnicas, de sua prática pedagógica, consciente do que faz e para quê faz. Pode-se dizer que para o exercício da ação pedagógica é importante que o educador domine não somente o conhecimento a ser ensinado mas, compreenda o processo de desenvolvimento e aprendizagem do aluno para poder adequar seu método às possibilidades reais de compreensão e construção de conhecimento que os educandos apresentam a cada período deste processo.

É igualmente importante que o professor não perca de vista o fato de que sua interação com os alunos tem um objetivo específico que é possibilitar-lhes a apropriação do conhecimento formal. E isto só pode ser realizado pela ampliação de conceitos e transformação de significados que os alunos trazem de suas experiências extra e intraescolares anteriores.

A educação envolve o desenvolvimento natural e harmonioso de todos os poderes e aptidões do indivíduo. Consiste na construção de uma organização de conhecimentos e técnicas, hábitos e atitudes, de virtudes e ideias que auxiliem o indivíduo a automotivar-se.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O professor exerce um papel fundamental na escola, por meio do qual deve proporcionar a interação com o aluno, o conteúdo e a realidade, colaborando para que ele possa desenvolver suas potencialidades integralmente. Essa tarefa, por vezes pode ser difícil, necessitando muito carinho, dedicação e formação adequada.

Assim sendo, constata-se que a aprendizagem do aluno não é simplesmente a aprendizagem de conhecimentos formais, pois além do conteúdo escolar o aluno aprende a desempenhar outros papéis, a se rela-

cionar com as pessoas da família e da comunidade, a agir como elemento integrante do grupo e interagir com o mundo e nas relações profissionais.

Dessa forma, a aprendizagem do aluno não finda na escola, apresentando-se como um contínuo, estendendo-se por toda a vida do indivíduo, sendo constituída por períodos que se distinguem entre si pelo predomínio de estratégias e possibilidades específicas de ação, interação e aprendizagem.

Ao avaliar os resultados da aprendizagem dos alunos, o professor deve se perguntar se o ensino, da forma como está sendo conduzido, é consequente para a aprendizagem dos alunos.

É importante salientar que o exercício da docência se faz presente nos movimentos sociais e a mobilização dos educadores em torno de um projeto político, em que as estratégias visem à construção de uma teoria crítica da educação e da escola, na perspectiva da educação que interessa às classes trabalhadoras.

Desta forma, conclui-se que o educador deve passar por uma reflexão constante diante de sua prática, analisando as possibilidade e as situações ao seu redor, garantindo ao aluno uma aprendizagem significativa e contextualizada, para que no exercício de sua vida ele possa integrar e interagir, contribuindo para transformar o grupo social no qual ele está inserido.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BUSCÁGLIA, L. **Vivendo, amando e aprendendo**. Rio de Janeiro: Record, 1993.

CUNHA, L. A. **Educação e desenvolvimento social no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

DAVIS, C. S.; SILVA, M. A. S. S.; ESPÓSITO, Y. Papel e valor das interações sociais em sala de aula. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 71, p. 49-54, nov. 1989.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Centauro, 2001.

FREITAS, L. C. de. **Ensino de 1o grau: instrumento de recuperação econômica?** Minas Gerais: Mimeo, 1993.

KELLY, W. A. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro: Agir, 1989.

KUENZER, A. **Ensino de 2o grau: o trabalho como princípio educativo**. São Paulo: Cortez, 1997.

MACEDO, C. C. **A reprodução da desigualdade**. São Paulo: Vértice, 1996.

PERRENOUD, P. Formar professores em contextos sociais em mudança: prática reflexiva e participação crítica. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 12, p. 5-21, set./dez. 1999.

SALGADO, M. U. C. **Formação integral: preparar para um emprego ou preparar para o trabalho**. Brasília: Em Aberto, 1981.

SAVIANI, D. **A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas**. Campinas: Autores Associados, 1996.

WEIL, P. **A criança, o lar e a escola**. Petrópolis: Vozes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/Edusp, 1988.

Recebido em / Received on / Recibido en 16/04/2012
Aceito em / Accepted on / Acepto en 04/07/2012